
“NARRATIVAS DA TERRA”: A QUESTÃO AGRÁRIA EM GOIÁS NA LITERATURA DE BERNARDO ÉLIS

“LAND NARRATIVES”: THE AGRARIAN QUESTION IN GOIÁS ON THE LITERARY WORK OF BERNARDO ÉLIS

GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes¹

Resumo: A centralidade deste texto é analisar elementos da questão agrária em Goiás na obra literária de Bernardo Élis. Para isto, escolhemos dois contos do autor, *A enxada* e *A moagem*. A metodologia contou com a revisão bibliográfica baseada em intérpretes da obra deste escritor e de pesquisadores que propõem o diálogo entre Geografia e Literatura. Acredita-se que a aproximação entre Geografia e Literatura possibilita uma inesgotável possibilidade de leitura e interpretação do espaço, do sujeito e da existência. Neste sentido, no decorrer das análises apresentadas no texto demonstramos que a fortuna literária deixada por Bernardo Élis permite compreender o mundo do trabalho nos latifúndios, o poder das oligarquias rurais, o coronelismo, a pilhagem dos trabalhadores e o cotidiano agrário do sertanejo em Goiás.

Palavras-chave: Geografia. Literatura. Questão agrária. Espaço.

Abstract: The central idea of this work is analyze some elements of agrarian question in Goiás under the view of Bernardo Élis literary work. As a theoretical reference we chose the short stories *The Hack* and *The Grind*. The methodology used on literature review was based on interpreters and researchers of this writer’s work that propose the dialogue between Geography and Literature. We believe that approach between Geography and Literature allows an inexhaustible possibility of understanding and interpretation of space, subject and existence. In this sense, during the analysis presented here we show that wealth literary left by Bernardo Élis enable us to understand the world of latifundia labor, power of the rural oligarchies, coronelismo, plunder of the workers and the agrarian daily life of *sertanejo* in Goiás

Keywords: Geography. Literature. Agrarian question. Space.

INTRODUÇÃO

Só é possível entender plenamente os fenômenos artísticos e ideológicos quando estes aparecem relacionados dialeticamente com a totalidade social da qual são, simultaneamente, expressões e momentos constitutivos. Enquanto marxistas, Lukács e Gramsci nos ensinaram a ver nas formas e nas ideias algo mais do que as leis da escrita ou a coerência do discurso: formas e ideias são também expressão condensada de constelações sociais, meios privilegiados de reproduzir espiritualmente as contradições reais e, ao

¹ Doutor em Geografia. Professor do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás – Campus Iporá e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade – POSLLI, da UEG – Campus Cora Coralina.

mesmo tempo, de propor um modo novo de enfrentá-las e superá-las (COUTINHO, 2005, p. 9).

A formação socioespacial de Goiás, sua história territorial e social, é impregnada pelas tramas urdidas no cotidiano do mundo rural sertanejo. A cultura, a economia e a política goianas são indissociáveis do vínculo com a terra e o espaço agrário. Desde a crise da mineração de ouro no final do século XVIII e início do século XIX, a pecuária e a agricultura dirimiram rumos econômicos, simbólicos e políticos de um território em constituição. Por consequência, o modo de vida, os costumes, o trabalho, os saberes e fazeres do homem e da mulher do sertão expressa o continente operoso do sertanejo goiano.

Sendo assim, a literatura regional produzida em Goiás não olvidou a tradição agrária que marca a formação econômica e social deste território. O mundo rural e os sujeitos com suas grafias de vida e trabalho aparecem em textos de autores clássicos da literatura goiana. Hugo de Carvalho Ramos (1895-1921), Carmo Bernardes (1915-1996), Bernardo Élis (1915-1998) e Bariani Ortencio (1923 -) são expoentes de uma produção literária em prosa que representa sujeitos, paisagens e lugares íntimos do Planalto Central brasileiro. Estes escritores deixaram obras que testemunham a realidade social, cultural e simbólica específicas de tempos e espaços, mas, universalizadas ao pronunciar as tragédias, sonhos e dramas humanos.

Referenciada na aproximação entre Geografia e Literatura, a centralidade deste texto é analisar problemas referentes à questão agrária em Goiás na obra literária de Bernardo Élis². Para isto, escolhemos dois contos do autor, *A enxada* e *A moagem*, publicados nos livros *Veranico de Janeiro* e *A terra e as carabinas*. A metodologia conta com revisão bibliográfica baseada em autores que discutem a relação entre Geografia e Literatura, como Chaveiro (2007, 2015), Amorim Filho (2006), Suzuki (2008), Marandola Jr. e Gratão (2010). Contou-se também com o apoio de pesquisadores que empreenderam esforços para analisar e interpretar a obra de Bernardo Élis, como Cavalcante (2010), Silva (2016), Godoy (2017), Sandes (2017), Teixeira (2017) e Paula (2017).

² Para Fernandes (2001, p. 23) “Os problemas referentes à questão agrária estão relacionados, essencialmente, à propriedade da terra, conseqüentemente à concentração da estrutura fundiária; aos processos de expropriação, expulsão e exclusão dos trabalhadores rurais: camponeses e assalariados; à luta pela terra, pela reforma agrária e pela resistência na terra; à violência extrema contra trabalhadores, à produção, abastecimento e segurança alimentar; aos modelos de desenvolvimento da agropecuária e seus padrões tecnológicos, às políticas agrícolas e ao mercado, ao campo e à cidade, à qualidade de vida e dignidade humana. Por tudo isso, a questão agrária compreende as dimensões econômicas, social e política”.

Acredita-se que a obra de Bernardo Élis aglutina ação estética e comprometimento político. O escritor posicionou suas narrativas ao lado da luta pela libertação dos esfarrapados do mundo, camponeses expropriados, trabalhadores sem terra, agregados e meeiros constantemente explorados por coronéis e latifundiários no espaço agrário goiano. A totalidade social, a realidade concreta, os conflitos e as contradições de uma sociedade cindida pela luta de classes comparecem em seus contos e romances. Sua narrativa é expressão de um “Goiás profundo”.

Em suma, no presente texto interrogamos: como a narrativa de Bernardo Élis contribui com a interpretação do espaço agrário goiano ou brasileiro?³ Embora a sua obra seja classificada no *corpus* de uma literatura regional realista, a presença dos dramas humanos, o estilo narrativo e a capacidade de reconhecer a trama do poder têm uma universalidade. Isto significa, Bernardo Élis profere de seu mundo, do mundo visto, do espaço agrário goiano, mas, diz do Brasil, fala do ser humano.

Bernardo élis: um narrador do sertão goiano

Dada a formação geológica pedregosa de Goiás, a seca esturricava tudo, as águas secavam, não se viam senão uns poucos ramos verdes, o calor era insuportável: tudo e todos, em fins de setembro, chamavam por chuvas, as quais tardavam a vir. Quando vinham, uma transformação maravilhosa se dava na natureza: tudo rebrotava, de todo ponto corria água, de toda loca pulava um sapinho, de cada folha voava um pássaro, um besouro, um grilo, um inseto dourado feito uma jóia. Com os primeiros chuviscos, o quintal se cobria de um veludo de capinzinho nascendo. Meu avô ia para o quintal e fazia casas de fazenda, com currais, porteiras, moirões para custeio de gado, uma perfeição (ÉLIS, 1966, p. XVI).

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado nasceu em 15 de novembro de 1915, na cidade de Corumbá de Goiás⁴, e viveu até 30 de novembro de 1997. Além de poeta, contista e romancista, foi advogado e professor. Sua vasta e diversa obra literária está cristalizada em

³ Para Paula (2017, p. 266-267), “Ao evidenciar os postulados de sua literatura, filiada ao projeto marxista, Bernardo Élis se filia a uma grande tradição de intelectuais brasileiros: Caio Prado Júnior, Jacob Gorender, Edgard Carone e outros. A sua aproximação intelectual se faz tanto com seus pares da literatura de ficção, como também com grandes nomes do pensamento social brasileiro. Assim sendo, Bernardo Élis é um intérprete de Goiás e naturalmente do Brasil”.

⁴ Também nasceu em Corumbá de Goiás, no ano de 1915, o reconhecido escritor José J. Veiga, expoente entre os autores em língua portuguesa, do realismo fantástico.

romances, contos, poemas, ensaios, artigos de opinião e inclusive poemas. Ainda é o único goiano a ter o reconhecimento nacional agraciado como membro da Academia Brasileira de Letras – ABL⁵, posição disputada em 1975 com o ex-presidente Juscelino Kubitschek (1902-1976).

Desde criança Bernardo Élis foi influenciado pelos intermináveis livros e revistas da biblioteca particular de seu pai e também escritor e poeta goiano, Érico Curado (1880 - 1961). Em texto autobiográfico publicado no livro *Veranico de Janeiro*, Élis (1966) descreve como foi estimulado pela literatura diante dos rigores, sugestões e ações pedagógicas de seu pai.

Na qualidade de poeta e homem possuidor de boa cultura, sem embargo de seu autodidatismo, e de seu contato com o Rio de Janeiro, São Paulo e o litoral, meu pai era admirador incondicional dos artistas. Para ele, um poeta, um romancista, um contista, um ensaísta estava acima de qualquer Napoleão, de qualquer Henry Ford. Morando nos cafundós de Corumbá, assinava jornais, revistas literárias e se mantinha em dia com a literatura. Seu irmão André mandava vir para ele *L’Illustration Française*, com as intermináveis peças de teatro. [...] muito cedo, meteu-me nas mãos *Os Lusíadas*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *A cidade e as serras*, *Iracema*, *O Guarani*, *Inocência*, *Os Mártires do Cristianismo*, *Nova Floresta de Manuel Bernardes* e outras desgraças semelhantes. [...] A partir de 1930 comecei a ler suplementos literários, onde modernistas de então escreviam coisas. E suas coisas eram aquelas coisas que eu via diariamente e com as quais me encantava. Comecei a perceber que havia uma ligação entre literatura e vida cotidiana [...] Em 1935, caiu-me nas mãos *A Bagaceira*, depois li *Zé Lins do Rêgo*: aí senti necessidade de contar coisas como esses contavam e percebi que muito havia que contar (ÉLIS, 1966, p. XVIII-XIX).

Élis (1966) explica de maneira amiúde a maneira como seu pai, rigoroso e exímio com a lavra literária, contribuiu com seu aprendizado e contato vultoso com a literatura brasileira e estrangeira. Por meio de leituras meticulosas e a descoberta das influências modernistas na década de 1930, Bernardo Élis percebeu que sua artesanaria literária poderia aproveitar do cotidiano e das coisas banais que arquitetavam o mundo que o cercava. Com isto, a oficina de acontecimentos ao seu redor, as narrativas orais propagadas por

⁵ No seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 1975, Bernardo Élis narrou as terras, as cidades, serras e rios de Goiás: “Ah, minha velha Goiás! Das mais elevadas terras do Planalto Central, da Serra dos Pirineus, nasce um rio que corta Goiás em direção ao sul. É o Corumbá, chamado resmungador e escachoante. A quatro léguas das nascentes forma um belo salto. Essa cachoeira foi descoberta pelos Bandeirantes tão logo chegaram a Goiás. E, danados como eram, rasgaram a serra, desviaram o curso das águas, estancaram a catadupa. No profundo do poço cavado pelas águas deste mil e mil anos acharam tanto ouro, mas tanto ouro, que para catá-lo ergueu-se uma povoação que tomou o nome de arraial de Nossa Senhora da Penha de França de Corumbá. Desaparecido o ouro, o arraial nem cresceu, nem minguou – encruou, pequenino e solitário na imensidão da encosta a prumo” (ÉLIS, 1975 apud CURADO, 2017, p. 1).

trabalhadores, as memórias e os símbolos da cultura rural goiana ofereciam fontes inesgotáveis para o aproveitamento da prosa literária.

Bernardo Élis bacharelou-se em direito em 1945 pela Faculdade de Direito de Goiás⁶. Sua biografia foi marcada inclusive por trabalhos de exigência burocrática e disciplina para lidar com gestão, documentos e leis na função de escrivão do crime da Comarca de Corumbá de Goiás e Secretário da Prefeitura Municipal de Goiânia (1939-1942). Também se dedicou à docência, sendo professor de Geografia e História em curso secundário e universitário. Foi ainda professor de Literatura no Curso de Letras da Universidade Católica de Goiás (1965-1967). Destaca-se sua contribuição para a história das letras em Goiás com a fundação da União Brasileira de Escritores (seção de Goiás) e membro da Academia Goiana de Letras - AGL.

O conjunto da obra de Bernardo Élis conta com vários livros, muitos deles premiados. Munido das influências da linguagem exigida pela ficção moderna, seu primeiro livro foi *Ermos e Gerais* – publicado em 1944 e saudado com entusiasmo por escritores consagrados na época, como Monteiro Lobato, Mário de Andrade e Tristão de Ataíde – premiado pela Prefeitura Municipal de Goiânia (1955); o romance *O Tronco*, publicado em 1956, recebeu o Prêmio Jabuti (1968); *Caminhos e descaminhos* (contos), publicado em 1965, foi enaltecido pelo Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras (1967); *Veranico de Janeiro* (contos), publicado em 1966, foi agraciado com o Prêmio José Lins do Rego da Editora José Olympio, e o novamente pelo Prêmio Jabuti (1967)⁷. Bernardo Élis também publicou em 1973 o ensaio histórico *Marechal Xavier Curado, Criador do Exército Nacional*, distinguido com o Prêmio da Comissão do Sesquicentenário da Independência do Brasil.

Sua obra ainda é conhecida entre os teóricos e críticos literários que interpretaram a literatura brasileira do século XX. É lembrado entre os regionalistas cuja obra possui valor documental inegável, conforme destacado por Alfredo Bosi em *História concisa da literatura brasileira*. Para Bosi (1999, p. 427), “Bernardo Élis representa hoje o ponto alto do regionalismo tradicional”, com os livros *Ermos e Gerais*, *O troco* e *Veranico de Janeiro*. Seus contos também foram escolhidos para compor importantes antologias nacionais.

⁶ A Faculdade de Direito de Goiás, antiga Academia de Direito de Goiás, foi fundada em Vila Boa em 1898 e transferida para Goiânia em 1937, sendo federalizada em 1959, compondo o núcleo de criação da Universidade Federal de Goiás (ALMEIDA, 2003).

⁷ O livro *Veranico de Janeiro* também foi considerado pelo Jornal O Popular como um dos 20 melhores livros da literatura produzida em Goiás no século XX.

Exemplo disto é a inclusão do conto *A enxada* na clássica antologia *O conto brasileiro contemporâneo*, organizada por Alfredo Bosi.

Dessa maneira, no interior da literatura regionalista produzida em Goiás, a obra de Bernardo Élis convida para refletir as contradições de um país localizado na periferia do capitalismo, de regiões e lugares assaltados por práticas que reproduzem o passado colonial, como a escravidão por dívidas, a concentração de terra e a exploração inclemente dos trabalhadores. Bernardo Élis decorre do mundo rural goiano e por ele fala, diz dele palmilhando a sua experiência sensorial de convivência com a cultura sertaneja, com as lutas dos camponeses explorados contra os grileiros de terras. Observou e denunciou as tramas maléficas da oligarquia agrária e do coronelismo⁸. A sua obra com narrativa precisa e elegante tem uma perspectiva, a do campesinato e suas lutas.

Como exemplo destas constatações, destaca-se o romance *O tronco*. Para Sandes (2017, p. 83),

O escritor goiano Bernardo Élis, no romance *O tronco*, representa a região por meio de um compromisso tácito com o leitor: era preciso narrar a verdade sobre um crime ocorrido na pequena Vila de São José do Duro, em 1919. A verdade do romancista, no entanto, carregava o compromisso de denunciar os desmandos dos proprietários de terras em Goiás tanto no passado como no presente.

Bernardo Élis, em *O tronco*, ficcionalizou um acontecimento concreto que derramou violência e sangue nos rincões do norte goiano, atual Tocantins, no início do século XX. O escritor aproveitou como matéria prima de seu romance o Conflito do Duro ou Chacina dos Nove, acontecido na antiga cidade de São José do Duro – Dianópolis (TO) – que se estendeu entre 1918 e 1923 e foi marcado pela chacina de nove membros de uma família local, supostamente presos no tronco. Como sublinhado por Almeida (2003), *O tronco* expõe as mazelas e tragédias de uma sociedade perturbadora, sinalada pela desigualdade e manipulação

⁸ Conforme explicado por Martins (1983, p. 46-47), “O coronelismo se caracterizou pelo rígido controle dos chefes políticos sobre os votos do eleitorado, constituindo os “currais eleitorais” e produzindo o chamado “voto de cabresto”. Isto é, o eleitor e o seu voto ficavam sob tutela dos coronéis, que eles dispunham como coisa sua. [...] O eleitorado de um coronel ou de um chefe político era constituído pelos seus clientes. Não se trata de uma força de expressão. O clientelismo político, a patronagem, tinha basicamente raízes na clientela econômica. Ao contrário da impressão geralmente difundida, os coronéis não eram exclusivamente grandes proprietários de terra. Além de serem, geralmente, grandes fazendeiros, eram geralmente também comerciantes que negociavam com os produtos agrícolas da região, comprando a produção dos sitiantes e dos moradores e agregados de sua área. Ao mesmo tempo, tinham estabelecimentos comerciais com tecidos, secos e molhados, ferramentas etc.”.

de poder. Traduz um mundo agrário atravessado pelo mandonismo e violência do coronelismo em Goiás.

Por conseguinte, a leitura dos livros de Bernardo Élis e de estudos que interpretaram sua obra, a participação em seminários sobre sua biografia literária e a compreensão do espaço em seus contos e romances soma-se ao que chamamos de interpretação lítero-geográfica. Assim, o conhecimento do estilo narrativo *bernardiano* e especialmente o conteúdo fundado na literatura de caráter regionalista fundamentam informações e condições para entender a proeza do homem rural (meeiros, agregados, garimpeiros, peões de fazendas etc.), as emboscadas a que foram submetidos diante das estratégias traiçoeiras da oligarquia patronal em Goiás.

A vida difícil, contudo digna dos trabalhadores rurais, as expressões culturais de sua fala, de seu canto e de seu lazer, a magnitude da vida de homens e mulheres a partir do trabalho ligado à terra compõem na prosa de Bernardo Élis. Neste escritor goiano, o luxo literário, o imageamento e o enredo casam com a crítica. As posições políticas são implacáveis, decididas e críticas ao sistema de exploração da classe trabalhadora. Elementos do mundo rural goiano aparecem nas narrativas como júbilo estético, mas, é igualmente uma ferramenta política. Além disso, o universo do Cerrado e as expressões culturais desse território foram apreendidos pelo eminente prosador.

Nos livros de Bernardo Élis, o espaço-tempo das narrativas é o *Sertão goiano*. Em diversos contos como *A enxada*; *A moagem*; *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*; *Sua alma, sua palma*; *O principal é dar conforto à família*, o autor produz representações sobre o Cerrado e seus lugares recônditos, a cultura e o trabalho dos homens e mulheres que habitam o espaço rural. Apreende as narrativas populares mantidas pela oralidade sertaneja, esmiúça histórias ancestrais de assombrações, capetas e almas penadas que perambulam nas planuras e grotões de Goiás. “Porteira é lugar perigoso que nem dente de cascavel, pois não é aí que mora o Saci e outras assombrações? Supriano também tinha medo. De onça, de cobra, de gente, não; mas de alma, de coisa-ruim” (ÉLIS, 1966, p. 54).

Para Santos (2017, p. 152), o conhecimento do escritor goiano

[...] sobre histórias populares, sobre a lua, plantas e animais, fincou no íntimo do escritor seu encantamento pela paisagem do sertão goiano, assim como o seu despertar para o mundo de causos e histórias ancestrais do folclore, de assombrações, fadas, e fantasias remotas do mais profundo sertão, com preciosas expressões dialetais antigas.

REVELLI v.10 n.2. Junho/2018. p. 339 - 357 ISSN 1984 – 6576.

Dossiê Estudos de Linguagem e Interculturalidade.

À vista disto, percebe-se que a obra de Bernardo Élis é tributária de uma realidade cultural, social e política intrínseca da história e da geografia de Goiás. Este escritor adentrou a sociedade de seu tempo com cenas da vida cotidiana nas frestas íntimas de um *Sertão goiano* profundo e distante da escala litorânea. Narra territórios indomados e habitados por gente de várias camadas sociais, entregues aos vaticínios da violência e do poder dos coronéis e do patriarcalismo no interior do país. Isso demonstra que “a literatura talvez seja a forma mais pura de apreensão da geograficidade”, portanto, “fazer dialogar a geograficidade do romancista e a geograficidade do geógrafo pode ser assim um exercício dos mais estimulantes para a reflexão em geografia” (MOREIRA, 2011, p. 158).

De acordo com Borges (2016), Bernardo Élis teve no *Sertão goiano*, lugar de uma sociabilidade rural e sertaneja copiosa, a fonte concreta de sua inspiração e cuja narrativa regionalista revela a realidade hostil do trabalho na unidade da fazenda dos latifundiários. Local fechado pelas cercas farpadas da propriedade privada da terra, onde a submissão do trabalhador aos desmandos dos coronéis vislumbrava a realidade do agregado, um ser humano do campo, sem dinheiro, sempre endividado com o patrão, esfarrapado, sem terra e exposto às injustiças e à exploração. Sujeito protagonista das intempéries da desigualdade, da rudeza e da aguda violência contra os pobres do Brasil agrário da metade do século XX.

Neste sentido, Bechara (1991, p. XI) diz que

O lado social de seu regionalismo assume, destarte, o sabor das coisas reais, porque os fatos que nos conta são, em geral, reproduções do que viu, ou do que lhe chegou ao conhecimento por informação fidedigna, retocando-os apenas para transformá-los em ação e produção literárias. Assistimos, assim, a certos acontecimentos que não estavam muito longe da verdade: somos transportados para regiões onde os homens poderosos tinham em suas mãos os destinos dos que deles dependiam financeiramente ou daqueles que, merecida ou imerecidamente, lhes caíam nas más graças.

Por conseguinte, a literatura regional de Bernardo Élis é impregnada de imagens e sua plethora de significados, fonte fértil para interpretar espaços-tempos dos confins de Goiás. Seus textos revelam a interação de fatores geográficos, históricos, sociológicos, culturais, econômicos e imagéticos. Dessa maneira, a interpretação lítero-geográfica de sua obra permite apreender tanto o primor da construção estética das narrativas quanto a análise das

contradições socioeconômicas de um território em transformação e inserido nas fronteiras de acumulação capitalista, sinalado pelos conflitos da sociedade de classes.

O Goiás vivido e aclarado pelo escritor em seus textos presenciava as políticas do Estado Novo (10 de novembro de 1937 a 31 de janeiro de 1946), a mudança da capital da Cidade de Goiás para Goiânia nos anos 1930, a Marcha para o Oeste e a implantação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG) em Ceres (GO), a revolta camponesa de Trombas e Formoso liderada por José Porfírio, a inauguração de Brasília em 1960 como a nova capital do Brasil e o processo de modernização conservadora da agricultura no Planalto Central. No entanto, estas transformações que prometiam modernizar o território, “civilizar” o sertão desertado e iluminar o interior com as luzes da modernidade não dissiparam os resquícios de um passado indomado e sob o jugo do coronelismo e do patriarcalismo, das desigualdades sociais e da expropriação da população camponesa para as periferias urbanas, especialmente em Goiânia e entorno de Brasília.

Em suma, tendo em vista as colaborações do diálogo entre Geografia e Literatura, no próximo *item* buscamos constatar e interpretar elementos que caracterizam a questão agrária em Goiás na literatura de Bernardo Élis.

Geografia, literatura e questão agrária em goiás: as contribuições da obra de bernardo élis

Supriano botou a mão na cabeça: adonde achar uma enxada, meu Divino Padre Eterno! Como desmanchar esse nome feio que lhe tinha posto o malvado do delegado? Quem será que ia lhe emprestar uma enxada? Ele tinha conhecimento com o coronel, mas este não o serviria. Procurar negociante era pura bestagem. Elpídio estaria já de língua passada com todos eles para não venderem nada a prazo para os camaradas. Quem é que não conhecia o costume de Seu Elpídio? Era fazendeiro que exigia que todo mundo pedisse menagem para ele. Ele é que fornecia enxada, mantimento, roupa e remédio para seus empregados. Ninguém não iria pois vender uma enxada para Supriano (ÉLIS, 1966, p. 51).

A intersecção entre Geografia e Literatura (CHAVEIRO, 2007, 2015; AMORIM FILHO, 2006; SUZUKI, 2008; MARANDOLA JR. e GRATÃO, 2010) tem se apresentado aos geógrafos como uma fonte aberta, diversa e múltipla de análise do espaço geográfico, do sujeito e seus dramas, conflitos, emoções e sonhos. Une subjetividade e objetividade, imbrica a matéria prima simbólica com o mundo concreto da vida humana. Assim, a confluência

substantiva com a literatura permite à investigação geográfica direcionar os seus rumos calcados em diversas orientações. Uma dessas tendências é o enfoque geográfico ou a leitura geográfica da literatura regionalista e sua narrativa cuidadosa, meticulosa e muitas vezes dramática da região.

De acordo com Cavalcante (2010, p. 21),

[...] considerando a literatura como um documento revelador da subjetividade de uma determinada região, pode-se relacioná-la à geografia regional, visto que o espaço, em muitas obras literárias, constitui a sua própria razão de ser. [...] No Brasil, a literatura regional apresenta as características peculiares de cada região, refletindo a sensibilidade humana, as estruturas sociais, as ideologias, os anseios espirituais e as indagações filosóficas, envolvendo o leitor na ambiência de cada época, de cada espaço e lugar.

Logo, a literatura regionalista, ao focar o mundo do lugar ou o mundo da região, como fez escritores como Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, Mário Palmério, Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis, cria também possibilidades de universalizá-la e apresentá-la a outras escalas territoriais. Dessa maneira, acreditamos que Bernardo Élis foi um exímio narrador de região sem fechar-se nela mesma. Apreendeu Goiás e o país em transformação, mas, com rugosidades que insistiam em manter-se atravessadas na cultura, exploração do trabalho, concentração de terra e tramas políticas desenhadas por políticos, coronéis e seus jagunços. Sua literatura não olvidou os gritos e as dores dos esfarrapados da terra, analfabetos, deficientes, pilhados e feridos. Denunciou a desigualdade, a injustiça, o desmando e o uso impiedoso da força e da brutalidade da classe dominante contra a classe trabalhadora.

Isto posto, Cavalcante (2010, p. 22) defende que,

A literatura regional abordada por Élis vai além da utilização de determinado espaço geográfico, ultrapassa a expressão da cor local ou a utilização de temas rurais, ela se universaliza, na medida em que os problemas, vivido pelas personagens, são comuns a qualquer homem, de qualquer lugar.

Nesta perspectiva, as situações discutidas nos contos *A enxada* e *A moagem* representam peculiaridades do mundo rural e da questão agrária, compreendida como “o movimento do conjunto de problemas relativos ao desenvolvimento da agropecuária e das lutas de resistências dos trabalhadores, que são inerentes ao processo desigual e contraditório

das relações capitalistas de produção” (FERNANDES, 2001, p. 23). A questão agrária é, neste sentido, um elemento estrutural do capitalismo (FERNANDES, 2001). Portanto, acredita-se que ela está presente em diferentes territórios com suas particularidades e pode ser interpretada com o apoio interdisciplinar de campos científicos como a Sociologia Rural e a Geografia Agrária ou a partir das colaborações da literatura regional, que em Goiás tem Bernardo Élis como um dos seus principais expoentes.

Os romances e contos de Bernardo Élis revelam elementos espaciais e existenciais que estruturaram a formação do espaço agrário goiano. Sua produção literária suplanta o campo da pura ficção e vasculha as dimensões históricas, políticas e econômicas da sociedade goiana. Para Vecentini (2005, p. 241),

[...] o que se pode encontrar como unidade na obra de Bernardo Élis, para além da primeira aparência de volume e diversidade de gêneros, são duas afirmativas: primeira, a de que ela é uma obra de fundamentação local, isto é, tanto os seus ensaios, quanto produção literária, quanto pesquisa são voltados, em pelo menos 90%, para as questões específicas de Goiás: segundo, que dentro dessa fundamentação, é sobretudo a sua orla histórica, como documentação e registro, que aparece.

Além do mais, constata-se que a obra *bernardiana* ilustra as tramas da vida e do trabalho se confluindo com o espaço-tempo das personagens e as estruturas de uma sociedade, a goiana e seu território, impactada pelos efeitos de uma espécie de modernização incompleta. Pois, a urbanização, a construção de estradas e a mecanização do espaço rural são exemplos de transformações que não foram capazes de eximirem práticas sociais e políticas que se mantêm desde a invasão colonial e o trabalho escravista nas minas e nos latifúndios. A concentração de terra e o poder político, o trabalho semi-escravo e a escravidão por dívida, a grilagem de terras, a confluência entre patriarcalismo e coronelismo, as hierarquias econômicas aviltantes e excludentes foram mantidas.

O mundo operoso do trabalho e da cultura, o mundo inescrupuloso da política, os latifúndios lastreados nas paisagens goianas e o sofrimento dos pobres sem terra são elementos abordados na prosa de viés realista regionalista dos contos *A enxada* e *A moagem*. Neste sentido, o olhar profundo sobre Goiás pela perspectiva da literatura de Bernardo Élis cobra o entendimento do que aqui se busca: os locutores, as personagens, as narrativas, a linguagem, as vozes e testemunhos de uma realidade construtiva de um território e sua gente.

Destarte, no conto *A enxada*, Bernardo Élis deixa inscrita uma tradução rigorosa das relações desiguais entre os latifundiários, os posseiros e os agregados que viviam de maneira precária nas grandes fazendas do espaço agrário goiano. Por meio da personagem Supriano, ou apenas diminuto Piano, descobre-se a luta de um agregado explorado, endividado e subordinado ao domínio do capitão Elpídio Chaveiro, filho de senador e autoridade política local. Lançado numa condição subalterna, Supriano devia trabalhar até pagar sua dívida, contraída por trato de serviço não cumprido com delegado, que por negócio, foi transferida para ser paga a Elpídio Chaveiro⁹.

Obra de cinco anos, Piano pegou um empreito de quintal de café com o delegado. Tempo ruim, doença da mulher, estatuto do contrato muito destrangolado, vai o camarada não pôde cumprir o escrito e ficou devendo um conto de réis para o delegado. Ao depois vieram os negócios de capitão Benedito com João Brandão, a respeito do tal peixe de ouro de Sá Donana, e no fritar dos ovos acabou Supriano entregue a Elpídio, pelo delegado, para pagamento de dívida. Com ele, foram a mulher entrevada das pernas e o filho idiota, que vieram para a Forquilha, terras pertencentes a Desidéria e Manuel do Carmo, mas que o filho de Donana comprou ao Estado como terra devoluta. Supriano devia trabalhar até o fim da dívida (ÉLIS, 1966, p. 49-50)

Trabalhador despossuído dos meios e objetos de produção, Supriano é um sujeito endividado e insuflado na “escravidão por dívida”. Trabalhador honesto, negro, maltrapilho, doente e guardião de memórias da escravidão e da expropriação da terra, condenado a perambular por migalhas de coronéis no *Sertão goiano*. Por outro lado, Elpídio Chaveiro personifica a figura do coronelismo, chefe político, dono de terras e conectado com a rede de poder, controle e aspereza perpetrada pelo estatuto policial e político local e regional. Nem latifundiário nem sem terra, outra personagem que comparece no início do conto, Joaquim Faleiro, representa os pequenos proprietários familiares dedicados à agricultura de troca simples, camponeses ameaçados de expropriação pelos latifúndios que circundam e pressionam suas terras.

⁹ Para a Almeida (1985, p. 48), “O quadro que o autor cria a respeito da desumanidade do delegado, ilustrado pelos negócios do Capitão Benedito com João Brandão, que culminou com a entrega de Piano a Seu Elpídio, é de uma realidade chocante. Leva o pobre homem à condição de um fantoche vulgar, servindo, na sua humildade, de juguete nas mãos desapiedadas daqueles que não sabem valorizar o ser humano”.

Joaquim Faleiro era sitiante pobre, dono de uma nesguinha de vertente boa. Vivia de fazer sua rocinha, que ele mesmo, a mulher e dois cunhados iam tocando. Vendiam um pouco de mantimento, engordavam uns capadinhos, criavam umas vinte e poucas reses e fabricavam algumas cargas de rapadura na engenhoca de trás da casa, mode vender no comércio. O resto Deus dava determinação. O diabo, porém, era aquele tal de capitão Elpídio Chaveiro, nas terras de quem estava o sitiante impressado assim como jabuticaba na forquilha (ÉLIS, 1966, p. 49).

Neste sentido, as três personagens, Supriano, Elpídio Chaveiro e Joaquim Faleiro, personificam as contradições de um território agrário e de estrutura fundiária desigual, dominado pelos coronéis e latifundiários, cindido pela violência contra posseiros, agregados, sítiantes e meeiros. No entanto, apesar das personagens dos contos de Élis ilustrar uma ordem social de sujeitos alienados, humilhados e incapazes de se defenderem dos coronéis, no território goiano também se construíram as lutas e resistências contra a grilagem e a opressão imposta pelos grandes proprietários de terras. Dessa maneira, a Revolta de Trombas e Formoso, que ocorreu na região norte de Goiás entre os anos de 1950 a 1957, exemplifica a luta dos posseiros e camponeses contra a malvadeza ardilosa de grileiros de terras¹⁰.

Supriano, para pagar a dívida que só aumentava, teria que plantar uma roça de arroz conforme determinação de Elpídio Chaveiro: “Em dia de Santa Luzia, tu ainda nesse dia não tenha plantado o arroz, te ponho soldado no lombo, rã-rã” (ÉLIS, 1966, p. 52). No entanto, não possuía a principal ferramenta para o trabalho na terra e plantação das sementes de arroz, a enxada. Para conseguir a enxada que não detinha e nem foi fornecida pelo patrão, Supriano peregrinou entre os vizinhos pedindo a ferramenta de empréstimo, planejou matar bicho selvagem para negociar o couro e vendeu mel na tentativa de angariar dinheiro para comprá-la, andou léguas por uma ferramenta prometida pelo vigário da região que afinal havia sido furtada.

Exasperado, Supriano foi pressagiado até pela vontade de roubar. “Por vezes, vinha a idéia de furtar. O diabo, porém, é que não era fácil. Assistia pouca gente na redondeza, todos conhecidos e os ferros eram mais conhecidos ainda, de modo que sem tardança os furtos se descobriam” (ÉLIS, 1966, p. 54). No entanto, sem que executasse o projeto de furto ou qualquer outro, o tempo avançava e a roçaurgia em ser plantada. Com isto, os dias pareciam “correr a galope” e o sujeito endoidava de desespero e medo a ponto de tanta obsessão, sonhar

¹⁰ No Brasil, o termo grilagem de terras traduz o procedimento de falseamento de documentos para, de maneira ilegal e ardilosa, tomar posse de terras devolutas ou de terceiros, ocupadas por posseiros.

com a enxada. “Sua preocupação era tanta que, mesmo dormindo, quando a cancela batia no moirão ele sonhava que passara justamente naquela hora um sujeito com uma enxada desocupada” (ÉLIS, 1966, p. 55).

Imiscuído numa realidade miserável e brutal, Supriano se vê largado com a esposa Olaia, entrevada das pernas, e o filho deficiente mental¹¹. O homem fica desorientado, divagado entre o medo do capitão Elpídio Chaveiro e a ameaça feroz de soldados. Ocorre que de desespero e alucinação, acossado pelo terror do capitão, na pretidão de uma madrugada chuvosa, encontra-se carregando sacos de arroz no ombro. Planta o arroz na terra molhada da chuva furando o solo com cavaco de pau ou com os tocos de dedos que pareciam metamorfosear em enxada.

Quando os soldados a mando do capitão Elpídio, depois de procurar por Supriano no rancho tomado por insetos e vermes que roíam as paredes de madeira e o teto de folhas apodrecidas pelas chuvas, deparam com o homem intrépido ao lançar com desespero no solo o punho das mãos dilaceradas e com os ossos expostos. Enquanto o sangue que escorria viscoso irrigava o sacrifício de Piano, os soldados desafogaram contra o roceiro a fúria vulcânica de quem estavam dispostos a matar. “Aí o soldado abriu a túnica, tirou de debaixo um bentinho sujo de baeta vermelha, beijou, fez pelo-sinal, manobrou o fuzil, levou o bruto à cara do camarada [...] o baque do tiro sacudiu o frio da manhã” (ÉLIS, 1966, p. 75). Logo, o fim trágico de Supriano é peça simbólica da violência reproduzida por séculos no campo brasileiro, a severidade da concentração da propriedade da terra e da exploração infame da classe trabalhadora, dos camponeses e povos tradicionais.

Dessa maneira, assim como em *A enxada*, no conto *A moagem*, Bernardo Élis compila de maneira meticulosa o enredo de elementos da realidade agrária em Goiás. Neste conto, *A moagem*, fica evidente a relação de exploração entre agregado e fazendeiro por meio dos dois personagens centrais da narrativa, Totinha¹² (agregado) e Jeromão (fazendeiro). Semelhante a Supriano, personagem de *A enxada*, Totinha possui as marcas históricas da pilhagem, da expropriação da terra e da subjugação aos estatutos de poder reproduzidos pelas

¹¹ “O filho é que não se movia. Era bobo babento, cabeludo, que vivia roncando pelos cantos da casa ou zanzando pelos arredores no seu passo de joelho mole. Diziam que fuçava na lama tal e qual um porco dos mais atentados. Capaz que fosse verdade, porque a fungação dele e o modo de olhar era ver um porco, sem tirar nem pôr” (ÉLIS, 1966, p. 55-56).

¹² “Totinha sequer possui nome, é codinominado por um apelido composto por um sufixo diminutivo ‘inha’, rebaixando-o ainda mais, fazendo-o ainda menor. Ele é desprovido de identidade, não possui direito à cidadania, sequer possui o direito à vida” (CAVALCANTE, 2010, p. 12).

oligarquias rurais em Goiás. Totinha morava no paiol da fazenda e trabalhava para pagar as dívidas que nunca eram quitadas pelo patrão. “Totinha devia a Jeromão duzentos mil réis. Não conseguia pagar nunca essa quantia que agora já subia a quase trezentos, com os juros e abatimentos. Fazia dois anos que estava ali sem ver um níquel sequer, só trabalhando para pagar os gastos” (ÉLIS, 2005, p. 12). Mesmo quando tentou fugir das humilhações que pesavam sobre ele, “Jeromão deu parte a polícia e dois soldados o trouxeram de volta para o Retiro, como um negro fujão” (ÉLIS, 2005, p. 12). Jeromão, por sua vez, personifica o fazendeiro, dono da Fazenda Retiro, que abrigava agregados, meeiros, arrendatários e trabalhadores em geral que viviam “no paiol, na casa de bezerros, nos ranchos imundos e frios perdidos nas lonjuras das grotas” (ÉLIS, 2005, p. 11).

Nas terras de Jeromão, mulheres e homens eram expostos às imposições do trabalho pesado e aviltante da dignidade dos sujeitos pobres e sem terra.

Chapéu à cabeça, roupa grossa de algodão, precata de couro cru, facão à cinta e cabeça de palha, Jeromão entrava na casa e saía dela, ia ao curral, entrava na rebaixa, sumia no lusco-fusco, surgia inesperadamente onde ninguém supunha, gritava com Dantas para rachar mais lenha, ralhava com Totinha, chamava pelos filhos, metia o pé num porco magro que grunhia por ali, dava ordens para os derradeiros preparativos da moagem. Sempre essa labuta no Retiro. Quando não era tempo de moagem, Jeromão punha os camaradas cedinho para desleitar as vacas, bater pastos, levantar cercas e currais, fazer ou limpar roças. O trabalho no Retiro era tamanho que a fama na fazenda corria mundo. Se um sujeito era duro no trabalho diziam: “Este é um Jeromão” (ÉLIS, 2005, p. 12).

A narrativa de Élis (2005) revela que o trabalho na terra, nas grandes propriedades rurais, imputava aos agregados qualquer recurso que assegurasse a autonomia da existência. Sem a garantia de permanência na terra pelo direito de posse, esses sujeitos e suas famílias eram condenados a uma vida de submissão e desonra. O detalhamento das tramas de exploração e controle social do trabalho urdidas no interior dos latifúndios em Goiás soma-se à descrição da situação e posição das mulheres na propriedade rural, das mulheres esposas e filhas dos agregados.

Élis (2005, p.13), ao sublinhar a condição da família de outro agregado, o Dantas, que “aguentava Jeromão porque já era um caco de gente, suportando pontapé, xingatório e humilhações do patrão, a troco de quartilho de pinga semanal”, dedica-se também à descrição da divisão social do trabalho na fazenda. Relata, assim, detalhes da vida e trabalho da esposa deste agregado na lida diária nas terras de Jeromão.

A mulher com cinco filhos, inclusive a mais velha que dava ataques, é que mantinha a casa, trabalhando de enxada, carregando mantimentos, derrubando roça, plantando, colhendo e entregando a metade de tudo para o desalmado do Jeromão que bem se valia de sua condição de mulher para exigir uma metade bem calculada (ÉLIS, 2005, p. 13).

Às mulheres que viviam na fazenda também era imputado o acesso à escola, ao aprendizado da leitura e escrita. “Menina fêmea então, meu compadre Jeromão, essas daí não podem aprender a ler de jeito nenhum dessa vida. É só pra mode tá escrevendo bilhetinho para os namorados e sujar um bom nome de família” (ÉLIS, 2005, p. 14).

Em suma, a análise e a interpretação lítero-geográficas dos contos *A enxada* e *A moagem* ilustram as contradições do mundo rural e da formação do espaço agrário goiano. Os problemas que marcam a questão agrária em Goiás são evidentes na exímia descrição do abuso de poder perpetrado pela elite rural, a concentração de terras por meio dos latifúndios, a sujeição das famílias agregadas aos patrões e a reprodução do patriarcalismo e do coronelismo imbricados no poder econômico e político. Nos contos analisados neste texto estão grafados os espaços e tempos da história e da geografia de Goiás, seu território e sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rica pluralidade teórica e metodológica da Geografia cria possibilidades de aproximação entre a leitura do espaço e a capacidade de interpretar e compreender as densas experiências da subjetividade humana. Uma ciência enclausurada nos números ou no hermetismo dos conceitos acaba por olvidar a existência do sujeito e seus atravessamentos, tramas de poder, emoções e utopias. Neste sentido, acredita-se que a leitura do espaço pode ser ampliada e aprofundada com as contribuições da arte e da narrativa ficcional, de outras linguagens e campos de saberes.

Neste texto demonstrou-se que a compreensão do mundo rural e da formação econômica e social do espaço agrário goiano pode contar com a vasta produção literária regional de escritores como Bernardo Élis. Por conseguinte, leituras lítero-geográficas dos contos *A enxada* e *A moagem* permitiram reconhecer alguns princípios interpretativos: a separação do trabalhador dos meios e objetos de trabalho (Supriano, personagem do conto *A enxada*, não possuía nem a terra e nem a principal ferramenta para o cultivo da roça de arroz); a sociabilidade do camponês e do agregado subordinada à propriedade da terra e ao

proprietário, latifundiário e coronel; a ligação com a terra em termos de relações culturais, mas, a alienação dela a partir da exploração do trabalho; a precariedade da moradia; a insegurança do trabalho; a escravidão por dívida; a honestidade do camponês e a crueldade do coronel; a forma ideológica de minimizar a luta de classe - neste aspecto, o trabalhador não percebe que é explorado, inclusive mantém a pobreza e a exploração numa dimensão metafísica (vontade de Deus), e não como uma relação social e histórica; o adoecimento do trabalhador rural e a exploração como fonte de adoecimento.

Finalmente, a obra de Bernardo Élis é guardiã de uma realidade humana e espacial que vasculha amiúde os chapadões, vales, latifúndios, sociabilidades rurais, conflitos agrários, tempos e lugares do dilatado *Sertão goiano*.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cristiane Roque de. **História e sociedade em Bernardo Élis: uma abordagem sociológica de *O tronco***. 152f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.
- ALMEIDA, Nelly Alves de. **Estudos sobre quatro regionalistas: Bernardo Élis, Carmo Bernardes, Hugo de Carvalho Ramos e Mário Palmério**. 2.ed. Goiânia: Editora da UFG, 1985.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil: ensaio sobre ideias e formas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- AMORIM FILHO, Osvaldo Bueno. **A pluralidade da geografia e o papel das abordagens fenomenológicas no fazer geográfico**. Curitiba (PR), UFPR, 2006.
- BERNARDES, Carmo. **Jurubatuba**. São Paulo: Livraria Cultura Goiana Editora, 1979.
- BECHARA, E. Bernardo Élis: apresentação. In: ÉLIS, B. **Seleta**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991.
- BORGES, Júlio César Pereira. **Fazenda-roça goiana: matriz espacial do sertanejo e do território goiano**. 213f. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, 2016.
- BOSI, Alfredo (Org.). **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.
- _____. **História concisa da literatura brasileira**. 36.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CAVALCANTE, Maria Imaculada. A relação homem e espaço no percurso existencial de piano e tocinha. **Espaço em Revista**, v. 12, n. 2, jul/dez, p. 18-41, 2010.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. **Geograficidade**, Rio de Janeiro/RJ, v.5, n.1, 2015.

_____. A dança da natureza e a ruína da alma: geografia e literatura – uma leitura possível. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 1, n. 2, p.174-186, 2007.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. **Inventário das cinzas: brasas dormentes da produção literária sobre o cerrado em Goiás.** (Doutorado em Geografia) - Instituto de estudos socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

_____. **Bernardo Elis das aguadas de todos os sertões desse Goiás.** 2017. Disponível em: <<https://www.dm.com.br/opiniaio/2017/05/bernardo-elis-das-aguadas-de-todos-os-sertoes-desse-goias.html>>. Acesso em: 18/09/2017.

ÉLIS, Bernardo. **A terra e as carabinas.** Goiânia: R&F Editora, 2005.

_____. **Ermos e gerais.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Veranico de janeiro.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1966.

_____. **O tronco.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1974.

_____. **André louco.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1978.

_____. **Seleta.** 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991.

_____. **Apenas um violão.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questão agrária, pesquisa e MST.** São Paulo: Cortez, 2001.

GODOY, Heleno. Bernardo Élis, um amigo escritor e sua obra. In: BRITO, Tarsilla Couto de.; FLORES Jr., Wilson José (Org.). **100 anos de Bernardo Élis.** Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017. p.12-40.

MARANDOLA Jr. Eduardo.; GRATÃO, Lúcia Helena B. (Org.). **Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação.** Londrina: EDUEL, 2010.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil.** 2.ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1983.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ORTENCIO, Bariani. **Sertão sem fim.** Goiânia: Editora da UFG, 2011.

PAULA, Gabriel de. Bernardo Élis: um intérprete de Goiás. In: BRITO, Tarsilla Couto de.; FLORES Jr., Wilson José (Org.). **100 anos de Bernardo Élis**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017. p.260-279.

RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e boiadas**. 8.ed. Goiânia: Editora UFG, 1998.

SANDES, Noé Freire. História, memória e literatura em O tronco de Bernardo Élis. In: BRITO, Tarsilla Couto de.; FLORES Jr., Wilson José (Org.). **100 anos de Bernardo Élis**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017. p.83-102.

SANTOS, Leila Borges Dias. Bernardo Élis: perfil intelectual e literário. In: BRITO, Tarsilla Couto de.; FLORES Jr., Wilson José (Org.). **100 anos de Bernardo Élis**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017. p.151-164.

SILVA, Rogério Max Canedo. **Romance e história em Chegou o Governador, de Bernardo Élis**. Goiânia: Editora da UFG, 2016.

SUZUKI, Júlio César. Modernidade, cidade e indivíduo: uma leitura de A Rosa do Povo. **Percurso: Sociedade, Natureza e Cultura**, Curitiba, n. 7, p. 23-33, 2008.

TEIXEIRA, Átila Silva Arruda. Bernardo Élis: do regionalismo literário à literatura como missão. In: BRITO, Tarsilla Couto de.; FLORES Jr., Wilson José (Org.). **100 anos de Bernardo Élis**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017. p.220-243.

VICENTINI, Albertina. **Bernardo Élis revisitado**. 2005. Disponível em: <<http://www.multitemas.ucdb.br/article/view/1270/0>>. Acesso em: 04/03/2018.